

SEGUNDO CADERNO

SEXTA-FEIRA 8.1.2016
oglobo.com.br

Leandra Leal assume no mês que vem a direção do Teatro Rival

Gente Boa pág. 2
CLEO GUMARÃES



INGRID FILME MOSTRA A INTIMIDADE DA ESTRELA SUECA



pág. 6

Possibilidades de interação entre a tecnologia e a música de concerto embalam a segunda edição do RC4 Festival, que começa hoje no Oi Futuro Ipanema com orquestra de laptops

O CLÁSSICO DO FUTURO



Máquinas de som. Público comanda a Computer Orchestra

SILVIO ESSINGER
silvio.essinger@oglobo.com.br

O que será da música clássica neste resto de anos 2010 — e depois deles? Quem quiser saber pode recorrer aos oráculos ou aos computadores — mas é bem capaz de esses últimos terem as respostas. Máquinas e seres humanos se abraçam na segunda edição do Festival RC4, que começa hoje, no Oi Futuro Ipanema, com a inauguração, na galeria do terceiro andar, da Computer Orchestra, uma instalação criada por designers suíços que permite ao público montar e reger sua própria orquestra, com instrumentos emulados por laptops. Até o dia 31, uma série de concertos, uma Festa TecnoClássica e um painel de debates (ambos no dia 23) cuidam de reforçar a certeza de que a tecnologia e a música de concerto andam no mesmo passo.

— Buscamos uma renovação do público de música clássica ao mesmo tempo em que tentamos entender esse momento de transversalidade pelo qual passamos. Hoje, existem muitos músicos com alta performance que apontam para novas possíveis direções artísticas — alerta o pianista e curador do RC4 Claudio Dauelsberg, que participa do festival no dia 16, com a PianOrquestra.

"MOZART DO BROOKLYN"

Entre as estrelas da programação estão o alemão Kai Schumacher (pianista que une clássicos contemporâneos a jazz, rock e techno — no dia 15), o britânico Joby Burgess (como diz Dauelsberg, "um percussionista de alta técnica, que tocou com Peter Gabriel e que sampleia o público em seu show" — no dia 22), o brasileiro Sergio Krakowski (movendo-se na percussão entre o choro e as eletrônicas — no dia 29) e a americana Missy Mazzoli, que, aos 35 anos, foi descrita pela "Time Out" de Nova York como uma espécie de "Mozart pós-milenar do Brooklyn". Fechando os concertos, no dia 30, ela faz a estreia mundial de um espetáculo com muitos recursos visuais (marca, também, dos trabalhos de Kai e Joby) no qual toca uma série de peças instrumentais ao lado da violonista austríaca Olivia de Prato. Missy reveza-se no piano, no sintetizador e no computador, de onde dispara samples de viola, de voicês, de órgãos e do que der na tábua.

— Será um programa denso, cheio de camadas. São composições em que venho trabalhando nos últimos cinco anos, feitas por diferentes formações. No concerto, fica parecendo que eu as misturei numa única peça, uma só paisagem musical — descreve ela por telefone, de Nova York, contando que trará consigo todo um aparato de vídeo feito pelos cineastas Lorna Dune e Michael

“

“A ópera tem uma narrativa muito poderosa, e pode ser uma ferramenta muito importante para contar histórias do nosso tempo”

Missy Mazzoli

Pianista e compositora



“

“No Brasil, existe uma combinação de público fiel, boa estrutura on-line e uma disposição para assistir a conteúdo alternativo à TV”

Robert Zimmermann

Diretor da Berlin Philharmonic Media



Woody. — Eles criaram uma espécie de universo visual especificamente para essas peças; minha música não funciona com imagens ao acaso.

Missy é um dos melhores exemplos de como a música clássica pode chegar renovada ao século XXI. Nascida numa pequena cidade da Pensilvânia, ela cresceu entre o Guns N' Roses que via na MTV e o Beethoven das aulas de piano — e, por causa dos dois, apaixonou-se pela ópera. Sua primeira composição no gênero, "Songs from the uproar" (2012), foi baseada na vida da exploradora suíça Isabelle Eberhardt. Agora, Missy prepara sua grande ópera, que recria a trama do filme "Ondas do destino" (1996), do polêmico diretor dinamarquês Lars von Trier.

— Há uma paisagem emocional, uma natureza provocativa no trabalho de Von Trier que é perfeita para a ópera. Ela tem uma narrativa muito poderosa, e pode ser uma ferramenta importante para contar histórias do nosso tempo — diz a compositora, que não vê estranheza em usar instrumentos da época de Puccini e Verdi ao lado da eletrônica. — Quando compo, não penso assim "ah, vamos deixar isso mais próximo do clássico usando um violino", mas "o som do violino é perfeito para o que eu quero emocionalmente agora". Tem a ver com ter crescido mais com música pop do que clássica. Tem a ver com os sentimentos que os ins-

trumentos, seja um violino, um velho sintetizador ou uma guitarra desafinada, evocam.

Para Missy, o bom da ópera contemporânea é que ela pode unir intimismo e espetáculo:

— A ópera clássica tinha que se projetar em grandes teatros. Nas minhas, há momentos em que parece que o cantor está colado no seu ouvido, trazendo algo só pra você. Há um grande escopo de expressão, acho que hoje é um tempo maravilhoso para se compor ópera.

E também um tempo excelente para ver e ouvir concertos, como defende o alemão Robert Zimmermann, diretor da Berlin Philharmonic Media, companhia que cuida da distribuição digital dos trabalhos da orquestra e de sua relação com as novas mídias. Ele é a estrela do dia de palestras, quando falará da experiência, desde 2008, com o Digital Concert Hall, que hoje em dia põe na internet, em streaming com alta qualidade de áudio e vídeo, de 40 a 45 transmissões ao vivo por temporada e mais de 400 concertos da Filarmônica do arquivado. Tudo através de um sistema de assinaturas.

— Decidimos criar a nossa plataforma de streaming numa época em que ninguém fazia isso. Depois vieram o Spotify, o Deezer e outras plataformas de streaming de música. E descobrimos que não seria lucrativo trabalhar com elas — conta, por telefone, de Berlin, Zimmermann, para

quem "a lucratividade de um sistema de streaming depende fundamentalmente de quantos assinantes você tem". — Ao longo dos últimos sete anos nós conseguimos achar muita gente pelo mundo que se dispôs a pagar por nosso conteúdo exclusivo, o suficiente para fazer o negócio ser autossuficiente. Nós temos 100 mil pessoas, e 5% delas pagam € 150 para ver os concertos durante um ano inteiro. Fazemos isso diretamente do artista para o consumidor, não há intermediários.

BRASIL É O SEXTO MERCADO

Zimmermann conta que, se na sala física de concerto a média de idade do público é alta, na internet a situação é bem diversa e surpreendente.

— No Digital Concert Hall está acontecendo uma renovação do público da orquestra — afirma. — Outra coisa interessante ali é que você verifica uma grande diferença entre os grandes mercados estabelecidos, de EUA, Alemanha, Inglaterra e Japão, nos quais a idade média do assinante está entre 45 e 50 anos, e os mercados emergentes, como boa parte da América do Sul, México, Taiwan, China e Coreia, que têm um público jovem muito grande, cuja média de idade está abaixo dos 30.

Ele oferece uma explicação para o fenômeno. — Na Ásia, as gerações mais velhas estão muito fechadas em suas tradições locais, só os mais novos foram ocidentalizados. E eles têm grandes astros da música clássica, com apelo para a juventude, como (o pianista chinês) Lang Lang — diz. — Já no Brasil, que é o nosso sexto mercado mais forte (depois de Estados Unidos, Japão, Alemanha, Inglaterra e Espanha), o que existe é uma combinação de público fiel, boa estrutura on-line e uma disposição para assistir a conteúdo alternativo à TV.

E o futuro? A previsão do alemão é que, num prazo que vai de cinco a sete anos, a experiência de concerto on-line será de realidade virtual.

— Você colocará o capacete 3-D e terá uma experiência imersiva em uma sala de concerto. Você poderá olhar em volta, dar um zoom na orquestra, e um som tridimensional. Há muitas pessoas trabalhando neste momento para que você sintá que está lá — adianta Zimmermann. ●

RC4

ONDE: Oi Futuro — Rua Visconde de Prájer, 24, Ipanema (3031-9333 e www.festivalrc4.com.br). QUANDO: De hoje a 31/1.

QUANTO: R\$ 10 a R\$ 20. CLASSIFICAÇÃO: Livre.



oglobo.com.br/cultura
Veja algumas das atrações do festival